

MINIATURAS DA INFÂNCIA

CARLOS SÁ

I

CHICO LAPADA

Da janela da sala de jantar, onde me aconchegava junto da minha avó, eu o via galgar a calçada da casa do Zé Lopes. Vinha das bandas da Rua General Sampaio, talvez dos becos escuros, ao lado da Matriz do Patrocínio, ou então das moitas de matapasto que cobriam, na velha Praça, os alicerces em ruínas. Passada a última mongubeira, atravessava a Rua 24 de Maio e seguia, em frente da nossa casa, no rumo do Trilho de Ferro. Era alto, magro, escanzelado. Usava uma sobrecasaca preta, tôda abotoada, que lhe chegava quase aos joelhos; e um chapéu mole, prêto, de fêltro, de abas largas quase lhe cobria o rosto, em que se adivinhavam os olhos mortiços. Passada a nossa casa, prosseguia o seu caminho até o fim do quarteirão, onde descia a calçada e pouco adiante se sumia: entraria, talvez, na velha caixa-d'água, da outra banda dos trilhos de ferro, ou cortavá a Praça da Lagoinha, em diagonal, no rumo da velha Rua do Imperador ou das areias mais distantes.

Minha avó não sabia dizer quem êle era, nem de onde vinha, nem para onde ia. Mas sabia o mêdo que me inspirava aquelas figura estranha e procurava tranqüilizar o meu mêdo de criança, falando em esperar a passagem do cabriolé do Gui-

lherme Rocha, com que tanto eu me encantava. Mas, passado o encantamento, eu ficava a lembrar uma outra história que ouvira comentar mais de uma vez nas rodas lá de casa. Era a de um célebre criminoso inglês que nas ruas de Londres ficava à porta de pobres casas escuras e quando uma senhora transpunha o seu umbral, perseguia-a no seu corredor escuro e, com um golpe certo do punhal que trazia escondido, a estripava mortalmente. Era a história, muito atual naquele tempo, de Jacks, o estripador, célebre nos anais do crime universal. Nunca eu vi o retrato do criminoso de Londres, mas, não sei por que, ficava imaginando que o Chico Lapada era o próprio estripador, fugido da Inglaterra para as terras do Ceará.

Ainda hoje, mais de sessenta anos passados, estou a rever a figura estranha do Chico Lapada, que foi durante muito tempo um dos meus medos de infância, miniatura fantástica da qual os meus olhos nunca mais se esqueceram.

II

O IMITADOR DE PÁSSAROS

Era baixo, reforçado e caxingava de uma perna por defeito de nascença ou de doença dos primeiros anos da vida. Usava velhas roupas surradas, camisa branca encardida, gravata sem idade, sapatos meio cambaios, chapéu preto mole, côr de burro quando foge. As suas mãos, ao fim dos longos braços, eram fortes, robustas; e na do lado direito se destacava a unha do polegar, sempre crescida, amarelada.

Morava em casa de parede-meia com a do Targino, à direita e a do Anibal à esquerda. Era ali, defronte da nossa, a residência de sua velha mãe e de uma irmã solteira.

Não tinha emprêgo, vivendo modestamente, talvez à custa dos cunhados bem empregados ou de patrícios da sua velha cidade de Icó. Parece-me, ao lembrá-lo hoje, que se desempenhava de pequenas comissões, com que ganhava o necessário para o fumo de rôlo e as palhas do seu cigarro. Presente de

algum amigo fôra o velho canivete de osso e lâmina afiada, que lhe era precioso instrumento de trabalho. Seu trabalho não era, porém, senão o de imitar os pássaros, o de carregar consigo, qual numa gaiola maravilhosa, escondida na garganta, todos os pássaros que amava e com que encantava os ouvidos dos curiosos e dos amigos. Nunca tivera propósito de lucro; e apenas, por generosidade, pagavam-lhe algum café, nos quiosques da Praça do Ferreira, os que lhe escutavam o assvio maravilhoso.

Mais de uma vez vi o velho amigo da minha gente povoar o nosso jardim de todos os passarinhos que trazia consigo. Na fôlha verde e polpuda da piteira, cortava com o velho canivete um pequeno quadrilátero que, com a unha robusta do polegar direito, delicadamente raspava até reduzi-lo a uma trama de nervuras finíssimas, que constituía o seu instrumento musical. Colocava cuidadosamente aquêlo retículo no céu da bôca e contra êle apertava a ponta da língua, soltando o sôpro que ia reproduzir tôdas as notas musicais dos pássaros que acudiam à sua imaginação. Canários, pintassilgos, sanhaços, corruptions cantavam-lhe na bôca, tal se em gaiola de ouro estivessem abrindo o bico e batendo as asas.

Uma vez, num fim de tarde, na velha Avenida Mororó, do Passeio Público, sentado num banco, ao pé de uma árvore, eu o vi que imitava os pássaros todos, que poderiam andar a saltitar nas frondes próximas. Acorriam muitos procurando ver os pássaros harmoniosos. Mas a gaiola encantada não estava na copa verde das árvores e se escondia apenas na garganta sonora daquele velho inesquecível imitador de pássaros.

III

OS CARRETÊIS

Mesmo os meninos ricos do meu tempo, e entre êles eu me contava, não possuíam os brinquedos maravilhosos com que se encanta a infância dêsses dias de hoje. Para as meninas houve sempre bonecas de pano ou de louça, ou de sabugo de

milho. Para os meninos, precocemente apareceram os soldadinhos de chumbo e, pouco depois, os carrinhos de madeira de fôlha-de-flandres. Mas os brinquedos melhores, aquêles com que a gente mais se encantava, eram os que as crianças improvisavam com a sua imaginação precoce e fecunda.

Nos meus tempos de criança havia em Fortaleza um prado de corridas, aonde mais de vez meu avô me levava, lá para os lados da estrada de Mecejana e onde corriam cavalos velozes com jóqueis mais ou menos improvisados.

Por que nós, os meninos, também não havíamos de ter os nossos prados e os nossos cavalos? Bem depressa estabelecemos uma coudelaria, com carretéis vazios de linha e que, ao sôpro do vento, corriam e ganhavam páreos, como os do prado cearense. A janela da sala de visitas, que defrontava com a porta do corredor, abria para o jardim, onde as araucárias e as urânias eram as árvores contra as quais batia o vento. Mas entre elas um corredor natural se formava, por onde o sôpro da brisa passava, entrando na janela da sala de visitas. Uma tampa de caixa de sapatos, posta em plano inclinado, permitia que sôbre ela deslizassem os carretéis, ganhando as tábuas de pau-cetim ou de canela do soalho, passando a porta do corredor e por êste indo às portas dos quartos, limites de páreos diversos e chegando mesmo à sala de jantar, na sua corrida mais longa.

Toninho, Bibil e eu éramos os donos dos cavalos fantásticos, dos carretéis mais ou menos velozes, com que disputávamos carreiras, à tarde, assoviando para chamar o vento que iria impelir os nossos carretéis.

Não apostávamos dinheiro, que não se dava aos meninos daquele tempo, mas bilhetes brancos de loteria ou selos do correio, carimbados. Cada um de nós tinha o seu cavalo preferido e eu me lembro, ainda hoje, nesta miniatura da infância, do meu Jurá, um carretel fino, alongado, não sei de que linha, que parecia captar o vento e ao seu impulso era o que mais cedo obtinha o Grande Prêmio, alcançando, no fim do corredor, a porta da sala de jantar.

IV

NATAL

Naquele tempo o Natal era a Missa do Galo, a lapinha em que se comemorava a vinda ao mundo do Menino Jesus.

Para a missa da meia-noite a gente grande se preparava, envergando roupas novas, a fim de evitar as bicadas do Galo. Lá iam todos, rumo à Igreja do Patrocínio que, dentro da noite festiva, abria portas iluminadas para a praça fronteira e os becos laterais.

As crianças, não esperávamos a missa: logo depois da ceia mandavam-nos para as rédes, a dormir o sono tranqüilo da inocência. Mas, ao acordar, corríamos todos para as cômodas e os cabides, à procura das nossas roupas novas, às vêzes reduzidas a uma gola, um cinto, um enfeite qualquer, bastante para evitar também as bicadas do Galo.

A grande festa, porém, consistia nas lapinhas que, desde as vésperas do Natal até o dia de Reis, se armavam nas igrejas e nas residências particulares.

Defronte da nossa era a casa de D. Ritinha, de parede-meia, porta e janela, tôda atijolada e de telha vã, sala de visita duas alcovas, corredor, sala de jantar, puxado com cozinha e despensa e quintalejo enfeitado de jarros floridos e de arbustos verdejantes.

Ali, à esquerda da porta da entrada, aproveitando o peitoril da janela e com os caixões vazios, trazidos da bodega da esquina, armava-se a lapinha. Sôbre os caixotes papéis coloridos e em cima dêles areia da praia com seus búzios, pedaços de espelho fingindo de lago, folhagens e flôres feitas de papel colorido, bonequinhos que eram pastôres e ovelhas, e, na manjedora, sôbre a palha pobre, o Menino Jesus, tendo aos pés Nossa Senhora e São José, e aquecendo-se, na noite fria, ao hálito mórno do burro e do boi. Próximo ajoelhavam-se os Reis Magos, que traziam para o Menino o ouro, o incenso e a mirra dos seus reinos distantes. Lamparinas e cotos de vela iluminavam, o quadro. E do alto, suspensa por uma linha invisível,

prêsa ao caibro do telhado, recortada em papel dourado, a estrêla que guiara a Belém os Reis e os Pastôres.

Uma bandeja de velha prata, de antigos tempos, recebia esmoladas de cobre e de níquel, a que lá, uma vez ou outra, se ajuntava um patacão.

As crianças ficávamos embevecidas com aquela paisagem sagrada, que era, todos os anos, a nossa mais linda festa de Natal.

Ainda hoje recordo saudoso o quadro daqueles tempos, que D. Ritinha fazia para si mesma e para as crianças da vizinhança, sem imaginar, nem de longe, que a cena do que ocorrera, a dezenove séculos, fôra reproduzida, pela primeira vez, há mais de setecentos anos, numa montanha perto de Roma, pelo pobrezinho de Assis.

V

OS CANGACEIROS

Naquele tempo não havia cinema com seus heróis, mais ou menos falsificados e que são hoje o encanto dos meninos que podem ir vê-los na tela. Os nossos heróis eram mesmo de carne e osso, vivendo, embora, em narrativas, mais ou menos romanceadas, mas tôdas com seu fundo de verdade verdadeira. Nós nos entusiasmávamos com a história dos cangaceiros narrada nos noticiários dos jornais ou em livros que podíamos ler, pois não ofendiam a moral de ninguém. Lembro-me sempre da história dos Brilhantes, narrada por um grande romancista da minha terra. Certa vez, em tarde sertaneja, seguiam por uma estrada Jesuíno Brilhante e seu pai, quando, em certo ponto, de uma moita que estalara ao piso das alpercatas, um tiro de rifle partiu certo. O velho caiu escabujando, para morrer quase de repente. A seu lado, Jesuíno, no espanto, procurou ver de onde partira o tiro e nada descobriu. Ajoelhou-se, então, aos pés do pai, que morria, molhou o dedo no sangue da ferida aberta no peito, traçou ali mesmo uma cruz e beijou-a, jurando vingança

Outros viandantes pouco depois apareceram, que levaram o corpo até o povoado próximo e o rapazinho para os parentes que dêle deviam cuidar. Jesuíno, porém, só cuidou de uma coisa, desde aquêle momento, durante a vida tôda: vingar a morte do pai, derrubar os que o tinham derrubado, enfrentando todos os perigos. Cumpriu à risca o juramento: perseguiu, feriu, matou, talou a terra, incansável e ferozmente. Começou agindo sòzinho. Depois, como a sua fama de vingador e de bravo se alastrasse pelo sertão, muitos vieram ajudá-lo. Por sua vez, nunca recusou auxílio aos que dêle precisavam, sobretudo os pobres, os perseguidos. Mas contra êle se armara as fôrças da lei, da falsa lei dos ricos e dos perseguidores, até que a covardia e a traição pudessem, um dia, derrubá-lo. Certa vez em que, fatigado de tanta luta, atravessava sôbre abismo hiante, estreita pinguela que levava à gruta onde se escondia um dos do seu grupo, Cobra Verde, se não me falha a memória, peitado pela polícia, fuzilou-o à traição, com um tiro de rifle.

Essa era, porém, uma história antiga. Naquele meu tempo de menino, o cangaceiro que andava pelos sertões cearenses não tinha a bravura nem a pertinácia de Jesuíno Brillhante: era Zé Dantas, que a polícia perseguia em vão, e que lá para os lados do sertão de Umari andava em proezas de que todos falavam. Diziam, que quem quisesse fazer justiça pelas próprias mãos podia procurar Zé Dantas, que não se arrependeria.

Menino ainda vi, certa vez, em casa de D. Ritinha, um rapaz forte e esbelto, que andara no bando de Zé Dantas. Tinha a voz macia e o gesto delicado. Sem fanfarronada contava um ou outro episódio das lutas sertanejas, imprimindo-lhe um cunho de verdade convincente. Nunca mais o vi nem dêle ouvi falar. Mas não me esqueci que me fôra dado ver um cangaceiro de verdade e não apenas Jesuíno Brillhante, de quem lera a história romanceada.

Muitos anos depois, homem feito, conheci pessoalmente um cangaceiro de verdade: visitando a cadeia do Recife, lá encontrei Antônio Silvino, a quem visitavam dois filhos rapazinhos, um dos quais — soube-o depois — se tornou oficial de

polícia e hospedou em sua casa, num subúrbio do Rio, o velho pai, que aí veio a morrer.

Antônio Silvino confessava que matava os que lhe faziam mal; não falava dos seus roubos; mas fazia timbre em dizer que nunca desrespeitara mulher nenhuma e punia os companheiros que não seguiam êsse código de honra.

Estranha história, em verdade, essa dos cangaceiros nordestas, que entretiveram a minha imaginação de menino e ainda povoam as lembranças da velhice.

VI

MEMÓRIA ANTIGA

Evocando o passado, faço vir à tona da memória, imagens e emoções que pareciam perdidas para todo o sempre. Dos três aos quatro anos, pequenino, tantas vêzes carregado aos braços da gente grande, recôrdio bem, embora meio apagada, a paisagem daqueles dias distantes.

Terá sido aos meus três anos e sete meses de vida a descida numa pequena escada de pedra, ao fim da qual era o pulo rápido para um bote que as ondas do mar balouçavam. O que ficou para trás, o que se seguiu afogou-se nas águas mortas da memória. Hoje sei apenas que, com os meus pais, os meus avós, e talvez uma irmã pequenina, eu partia então de Fortaleza para o Rio de Janeiro.

Uma janela na sala grande, talvez ao canto da sala, abria para o jardim lá embaixo. Prêso a uma corda, um pequeno macaco fazia trejeitos e agarrava no ar a banana que, de junto de mim, alguém lhe atirava. Para trás, para adiante, a fotografia apagou-se. Contaram-me depois, que em Moceió, Alagoas, fôramos a um palacete de um amigo do meu avô, recebidos todos na intimidade do lar fidalgo, onde até para as crianças havia um divertimento na acolhida tão gentil.

Poucos dias depois chegávamos às Côrtes e um noite, carregado ao colo, depois de subida a escada, parávamos no pata-mar diante da porta fechada, que custava a abrir-se, o que a

um meninozinho assustava. Não consegui saber onde era, com quem ia, de onde vinha. Ficou apenas na memória um pouco daquela emoção de medo, dentro da noite carioca.

Tudo isso terá sido visto e sentido por uma criança de três anos e sete a oito meses de idade. Absolutamente incapaz, depois daqueles dias distantes, de recompor a paisagem e ressuscitar aqueles que a levavam nos braços.

Antes desses três anos e meio, primeiros da vida, balançada-se à brisa da memória um farrapo de lembrança, um passeio a um sítio, perto de Fortaleza, uma escada a subir, um pequeno patamar atijolado e a casa hospitaleira a espera. Terá mesmo acontecido esse passeio à Serrinha, o sítio aonde iam os meus avós? Ou não passara tudo da lembrança, muito mais tarde, de uma conversa que fez com que aquele farrapo dos tempos idos tomasse forma viva e certa ao sopro do tempo?

De parentes e amigos, muitas vezes tenho prescrutado os fatos mais antigos da memória. E todos eles se situam, em geral, nas proximidades do terceiro ano da existência. E não há possibilidade de acreditar em cousas acontecidas em outras existências e palpitando em existências atuais, nas pesquisas das transmigrações do espírito através das idades. Nem mesmo se pode crêr que o filho de Charles Darwin tenha podido evocar, na idade de razão, um fato presenciado aos seis ou sete meses de idade. Que outros desçam ao fundo de si mesmo e tragam à tona da memória as emoções e as paisagens roladas no rio do tempo e perdidas no mar do esquecimento.